

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

Jean Segata¹

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: jeansegata@gmail.com

Quando se passa a comparar os lapsos temporais existentes entre as edições originais e as traduções de certos livros, ganha-se indicativos de que algum movimento se ensaia – *The Invention of Culture*, de Roy Wagner, ganhou a sua primeira tradução 35 anos depois de sua publicação original – e foi aqui no Brasil. Isso aconteceu também com a tradução de *The Gender of the Gift*, de Marilyn Strathern, que apareceu um pouco mais cedo, 19 anos depois, em 2006. Mas o trabalho de Latour foge a essa regra: publicado em inglês em 2005 (Oxford Press), ganhou uma versão francesa em 2006 (La Découverte) e outra em espanhol (Paidós – Argentina) em 2008, antes de chegar ao leitor de língua portuguesa, em 2012 (Edufba/Edusc)². Mesmo assim, e apesar de mais recente, trata-se de uma “introdução madura”, pois se investe de organizar as muitas provocações que a Teoria do Ator-Rede tem produzido nas últimas três décadas – ou seja, para utilizar algo do vocabulário do próprio autor, ela aparece num momento em que suas discussões parecem um pouco mais estabilizadas. Com isso, há algo que parece relacionar esses autores. Wagner, Strathern e Latour começam a figurar na antropologia em tempos em que as discussões pós-estruturalistas começam a ganhar escopo na disciplina – discussões em muito obscurecidas com aquilo que se pode amplamente chamar de “a virada de Geertz”, pelo menos, no Brasil. No entanto, é nos últimos

anos que conexões têm sido traçadas entre eles por aqui, naquilo que se pode chamar de contestação aos grandes e polivalentes sustentáculos de nossa disciplina – natureza, sociedade, cultura e os seus duplos – e, é claro, uma vez estabelecido entre os avalistas do que se pratica por aqui, como bem provocou Maluf (2011) a propósito de certos debates serem “levados a sério”, apenas a partir da sua inscrição na etnologia.

Nesse ínterim, a recente publicação de *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* parece vir ao encontro da emergente valorização que essa obra vem ganhando no Brasil. Bruno Latour é um autor que transita facilmente entre as disciplinas das humanidades e que por aqui, desde meados dos anos de 1990, vem motivando a criação de núcleos e de linhas em programas de pesquisa que vão da Psicologia à Sociologia, passando, obrigatoriamente pela Antropologia e, mais recentemente, pela Comunicação. Trata-se, assim, de uma penetração difusa em nosso meio acadêmico, mesmo que se possa dela observar alguns traços comuns: na Psicologia, sua obra apresenta alternativas às teorias do sujeito, tradicionais na disciplina, enquanto na Antropologia encontra-se alternativas aos debates a respeito das divisões entre natureza/cultura ou das agências que povoam o mundo, como também tem motivado, ali e na Sociologia, o crescimento de um campo interessado em ciência e tecnologia, que traz algumas heranças dos chamados *Sciences Studies* da segunda metade do século passado. É nessa mesma linha que ainda é possível incluir os interesses da Comunicação por sua obra, que proeminentemente tem passado a repensar o lugar da técnica em seus debates, num campo recente e em expansão, que cabe no rótulo de cibercultura.

No conjunto das obras desse autor, muitas já publicadas no Brasil, *Reagregando o Social* tem suas particularidades. Como um livro que vem com a proposta de introduzir o leitor à Teoria Ator-Rede, ele sistematiza algumas das principais controvérsias protagonizadas por essa “teoria” nas últimas décadas, naquilo que ele trata por *cinco fontes de incerteza*. A primeira delas, a de que não há grupos, mas apenas a formação deles, vem com a difícil proposta de desfazer uma ideia de social como um domínio da realidade. Voltando-se à sabedoria etimológica da palavra, o autor sugere a recuperação da ideia de *associação*

ao invés daquela de social. Para ele, essa última já vem carregada de uma substantividade que a coloca num rol de “coisas” como ferro, libido, casa ou qualquer elemento estabilizado, ordenado e com formas definíveis – enfim, uma realidade. Seu contraste, bem se sabe, é a natureza. Um, assim como o outro, aparece como elementos explicadores de certos fenômenos e o desfazimento desse par, especialmente, o desfazimento deles como unidades combináveis e explicativas é um dos esforços que aparece não apenas nessa primeira fonte de incerteza, mas ao longo de boa parte de suas obras.

A segunda fonte de incerteza sugere que a ação é assumida. Aqui, o implicativo está na revisão dela e da sua natureza – o ator (aqui, ator-rede). O ator não é uma peça que já está no tabuleiro e que depois age. Trata-se de um ente que se constitui apenas na ação (Latour sugere nesse livro o termo *actante*, mas ele aparece traduzido em outros livros como *atuante* também). Ele não existe como repertório. Seria mesmo redundante a afirmação de “atuantes em ação” – sua sugestão é a de que se fuja da ideia de que atores/atuantes estão esperando em algum lugar, prontos e definidos, a hora de entrar em cena. Assim, a ação é pensada como um evento e não como um ato – localizando sujeitos e objetos. Quando o autor usa a expressão *Ator-Rede*, seu propósito é justamente deslocar a origem dessa ação. Essa discussão avança à terceira fonte de incerteza, a de que *os objetos também agem*. Isso, é claro, não implica em pensá-los como intencionais, mas como dotados de alguma subjetividade. Remete-se aqui, novamente à ideia de associação e de rede – humanos e não humanos não são aqui distribuídos na cena como sujeitos e objetos, respectivamente. Os objetos, eles agem *também*, pois pensar a rede é pensar numa série de ações (eventos) distribuídas, e não pensadas em razão de *causa e efeito*. Aqui, tem-se novamente subsídios para pensar numa natureza performatizada do social – seja lá o que ele for, ele o é em ação. O que Bruno Latour quer fazer recuperar, aqui, é a nossa capacidade de dar um passo a mais nas descrições, atentando-se ao esgotamento e aos muitos atuantes (actantes) desses eventos.

A quarta fonte de incerteza estabiliza entendimentos do construtivismo e da promessa de simetria generalizada que marcaram suas

inclinações ao mundo da ciência e da tecnologia. Intitulada como *questões de fato versus questões de interesse*, o autor procura abrir a caixa de ferramentas das ciências sociais (como já o havia feito nas naturais), para mostrar como é que se opera a *construção de um fato*. Fato e fetiche, realismo e construtivismo são temas em voga nessa parte do livro, lançados à cena sob as mesmas condições. Se foi interessante os *Science Studies* denunciarem que a gravidade ou o vácuo estudados por físicos eram construções (modelos da realidade) *fabricados* pelos próprios cientistas – ou seja, eram *feitos* ao invés de *fatos* – mais interessante ainda foi, a partir deles, perceber que o social também era (é) uma construção do sociólogo – um feito (e por não, um fetiche) ou modelo de realidade.

Por fim, parece assim que, diante de tantas incertezas, a última não poderia ser outra senão a própria desconfiança de nossos textos. *Escrever relatos de risco* é aqui o que o autor designa como a precariedade de nossos trabalhos. Seguir os atores – rastrear e descrever associações, esse é o nosso trabalho – ou seja, tecer a própria rede. A rede não está lá – não é o que está sendo descrito ela é uma ferramenta, um método. A propósito daquilo que Lévi-Strauss sugeriu sobre os mitos, a partir, especialmente, *d'As Mitológicas*, eles (a rede e o mito/estrutura) são métodos – são modos pelos quais pode-se ordenar certas experiências desse mundo, em nossos textos, como já bem fez esse paralelo Viveiros de Castro (2009). Ela, a rede, é um *resultado* e não um *dado* – a descrição de uma rede é uma maneira de dispor os rastros deixados por atores no curso de suas ações.

Por fim, a segunda parte do livro, intitulada de *como tornar as associações novamente rastreáveis* faz uma espécie de receituário de como a sociologia (pois Latour dirige sua crítica mais a ela do que à antropologia) poderia reagregar o social, passando da ideia de sociedade àquela de coletivos. Um coletivo é pensado como o que pode ser constituído por diferentes atores (humanos e não humanos). Ali, como num todo, o livro vem com um tom de *método negativo*, ou seja, um conjunto de denúncias, de críticas e de orientações do que *não fazer* para praticar uma “nova ciência do social” – ou seja, aquela das associações. Enfim, trata-se de um livro provocativo e o desafio posto nele – e o que se

pode tomar para nós, na antropologia – é o de repovoar nossos trabalhos com as mais diversas agências. *O fim do social*, entenda-se, é o fim daquele lugar cômodo, povoado apenas por humanos agentes e não humanos agidos ou contextuais que davam sentido às ações dos primeiros. Enfim, parece mesmo haver chegado a hora de decretar o fim de alguma coisa na antropologia. Marcio Goldman (2011), por exemplo, foi apressado, e a propósito da edição brasileira do livro de Roy Wagner, decretou o próprio fim dela³. Aqui, com menos pretensão, fica a dúvida sobre o que restará daquele velho qualificador de nossa disciplina, “o social”.

Se muito já se diz por aí de uma “antropologia pós-social”⁴, ou seja, que não o tenha como “uma variável a ser considerada” – há de haver lugar para pensar em algum investimento numa que seja “pré-social”, ou seja – que recupere as nossas descrições densas – não as profundas, cheias de sentidos e significados, como aquelas da antropologia hermenêutica, mas aquelas das superfícies, *densas de atores* das mais diversas naturezas, em que o social, os sujeitos e os objetos sejam sempre resultados provisórios e instáveis das muitas atuações em curso.

Notas

- 1 Bolsista de Pós-Doutorado do CNPq no PPGAS/UFSC. E-mail: <jeansegata@gmail.com>. Agradeço ao Prof. Theophilos Rifiotis pelas contribuições às minhas leituras de Bruno Latour. Muito delas estão neste texto.
- 2 Cronologicamente, *Reassembling the Social: an introduction to Actor-Network Theory* (2005), *Changer de Société – refaire de la sociologie* (2006) e *Reensanblar lo Social: una introducción a la Teoría del Actor-Red* (2008).
- 3 Trata-se de uma interessante resenha do livro “A Invenção da Cultura” de Roy Wagner, publicado no Brasil em 2010 (WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010).
- 4 Ver, por exemplo, Viveiros de Castro, Eduardo e Goldman em Sztutman (2009).

Referências

- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2010.
- STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

MALUF, Sônia. A Antropologia Reversa e “Nós”: alteridade e diferença. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 39-56, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Métaphysiques Cannibales*: lignes d’anthropologie post-structurale. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Métaphysiques Cannibales*: lignes d’anthropologie post-structurale. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

GOLDMAN, Márcio. O Fim da Antropologia. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 89, São Paulo, março de 2011, p. 195-211.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; GOLDMAN, Marcio. O que Pretendemos é Desenvolver Conexões Parciais [entrevista]. In: SZTUTMAN, Renato. (Org.). *Eduardo Viveiros de Castro*. Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2008, p. 226-259 e “Slow Motions: comments on a few texts by Marilyn Strathern”. *Cambridge Anthropology*, v. 18(3), 2009, p. 23-42.

Recebido em 22/10/2012

Aceito em 09/11/2012